AS MORADORAS DE RUA ENTRAM EM CENA: a violência contra a mulher moradora de rua como uma das expressões da "questão social".

Maria Elaene Rodrigues Alves[1]

RESUMO: O objetivo desse texto é analisar as relações de gênero no segmento população em situação de rua e o contexto da violência contra a mulher moradora de rua em Fortaleza. Compreendemos que a problemática das mulheres em situação de rua como uma das expressões da "questão social" e que essas mulheres vivenciam cotidianamente violências, preconceitos e desigualdades sociais, culturais, econômicas, raciais e de gênero.
Palavras-chaves: Gênero; Questão social; Violência.

ABSTRACT: The objective of this text is to analyze gender relations in the street population segment and the context of violence against women Street resident in Fortaleza. We understand that the problem of street women as one of the expressions of the "social question" and that these women experience daily violence, prejudice and social inequalities, economic, racial, cultural and gender.
Key words: Gender, Social Issues, Violence.

[1] Estudante de Pós-Graduação. Universidade Estadual do Ceará (UECE).E-mail: lalaceara@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise das relações de gênero em relação á população de rua e como esse fenômeno da Violência Contra a Mulher moradora de rua apresenta-se como uma das expressões da "questão social'' em Fortaleza-Ce. Nesse sentido, nosso estudo busca apreender a situação que as moradoras de rua passam ao estarem sujeitas às desigualdades sociais, culturais, econômicas e de gênero. Neste contexto têm sua vida cotidiana marcada pelo preconceito, violência, relação com as drogas etc. A complexidade desse tema envolve muitos aspectos ligados à estrutura da sociedade, às condições e necessidades sociais particulares desses grupos sociais, bem como sentimentos e valores dos indivíduos que vivenciam tal realidade na contemporaneidade.

2 DESCORTINANDO A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA

É uma tarefa gigantesca pesquisar esse segmento populacional, mesmo quando consideramos especificamente as mulheres, pois extensos são os motivos de ida para as ruas, como também os motivos que as mantém nessa condição. Assim, fazer uma análise da questão de gênero é de suma importância e tem sua peculiaridade, pois estamos contextualizando uma forma diferente das mulheres viverem, ou seja, de sobreviver na rua. Tomamos como pressuposto teórico que gênero é uma construção social do sujeito masculino ou feminino. Joan Scott (1989) tenta explicar a subordinação da mulher e a dominação dos homens ao associar a categoria gênero aos limites das correntes teóricas do patriarcado, do marxismo e da psicanálise. Assim, *as mulheres em situação de rua* não se diferenciam totalmente da realidade de muitas outras mulheres porque as relações de gênero são relações de poder que estão marcadas por hierarquias, obediências e desigualdades (SCOTT, op. cit.).

Nessas relações estão presentes os conflitos, tensões, negociações e alianças, seja através da manutenção dos poderes masculinos, seja na luta das mulheres

pela ampliação e busca do poder. No caso das mulheres em situação de rua existem várias estratégias, resistências, violências e preconceito por estarem em situação de rua e por enfrentarem as desigualdades econômicas, políticas e de gênero.

As restrições impostas à mulher dão lugar a um processo de exclusão que frequentemente se ancora nas diferenças. Essa ideia da diferença permeia discursos hegemônicos, estando presente em falas sobre as desigualdades de gênero, impedindo que se lide adequadamente com o que distingue homens e mulheres. Diferença faz par com identidade, assim como desigualdade o faz com igualdade. No entanto, como são típicos da ideologia, os fenômenos são apresentados de forma inversa, traduzindo desigualdade por diferença, inversão que estar, muitas vezes, presente nas esferas dos valores, crenças, benefícios, direitos e privilégios.

Segundo Saffioti & Almeida (1995, p. 57), “rigorosamente, toda diferenciação, seja da natureza, seja da sociedade, é positiva, porquanto representa enriquecimento. Representações sobre a diferença podem ser apropriadas pela ideologia” e transformadas em estigmas, portanto, em algo negativo, conforme tem ocorrido com o feminino ao longo dos séculos. No caso das mulheres em situação de rua, elas rompem com a ótica da rua. A rua deixa de ser o contraponto negativo da casa entendida como proteção e cooperação, passando a ser percebida como espaço possível de sobrevivência, como lugar de trabalho e moradia. Trata-se, na verdade, de um processo de perdas, por um lado, e de novas aquisições, por outro. (VIEIRA, BEZERRA E ROSA, op. cit.: 98)

Segundo Tiene (2004), as mulheres em situação de rua nunca estão sozinhas e procuram conviver em grupos como forma de proteção; muitas procuram companheiros para se sentirem seguras, sendo várias vezes submetidas sexualmente para garantir a segurança de outros. Viver na rua, para as mulheres, é também construir essas relações necessárias ao seu cotidiano.

A violência surge de todos os lados e está muito presente na vida dessas mulheres. É sabido através de relatos, que muitas sofrem abusos sexuais constantes desde criança, elas apanham com freqüência, muitas vezes do próprio parceiro que a protegem. "As mulheres mantêm a submissão sexual em troca de proteção e pagam

muito caro por isso. Seus corpos revelam traços de "utilidade-obediencia". (Tiene, op. cit.:156).

O preconceito contra esse segmento é fortíssimo e os moradores de rua são sujeitos propensos a se deparar com ele cotidianamente. Com as mulheres em situação de rua, o preconceito torna-se mais agravante, não somente por morarem nas ruas, mas também por existir um histórico em nossa sociedade de desvalorização da mulher. Assim, o confronto entre gênero apresenta-se bastante presente.

De modo geral, a mulher em situação de rua vive mais adversidades e, principalmente, mais formas de violências. Por sua vez, se são as mulheres que mais sofrem preconceitos e discriminações no espaço privado da casa, imaginem-se quando se consideram as relações na rua, construída historicamente como o “espaço masculino”.

3 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA COMO EXPRESSÃO DA QUESTÃO SOCIAL

Compreende-se questão social como fruto da contradição entre capital e trabalho, sendo que sua emergência e visibilidade estão organicamente vinculadas à constituição da classe trabalhadora como sujeito político coletivo, permitindo a publicização da pobreza e relacionando-a às condições distintas em que ambas as classes se inserem no processo de produção e a forma desigual de usufruto da riqueza socialmente produzida.

> A questão social, no entanto, não se configura exclusivamente como desigualdade social entre pobres e ricos, esta também expressa, além de desigualdades de renda e de propriedade, as desigualdades de acesso ao poder, as formas particulares de luta e de resistência material e simbólica que são acionadas pelos indivíduos sociais mediante suas condições de vida e de trabalho. (IAMAMOTO, 2001, p. 02).

A questão social se designa, portanto, no conjunto das questões reveladoras das condições sociais, econômicas e culturais em que vivem as classes trabalhadoras na sociedade capitalista burguesa. Sendo esta materializada enquanto ambiente político da intervenção das classes e do Estado no capitalismo monopolista em função da constituição da sociedade urbano-industrial e da consolidação da intervenção do Estado

que vai além das propostas liberais clássicas. Este ambiente político é demarcado pelos meios de enfrentamento da chamada questão social. Esse enfrentamento pode seguir duas direções: estratégias de administração da desigualdade – seja pelo vetor do Estado, particularmente através das políticas sociais, seja pela chamada sociedade civil e/ou por meios que apontem para a sua superação na ordem burguesa; segundo, mediante o movimento político, público e reivindicativo das classes subalternas para superar a sua condição de classe excluída e explorada. Apreender a questão social é também captar as múltiplas formas de pressão social, de invenção e de reinvenção da vida que são construídas no cotidiano, pois é no presente que estão sendo recriadas formas novas de viver, que apontam um futuro que estar sendo germinado (Ibidem, p. 04).

A *população de rua* se apresenta de forma complexa, abrangendo diversas formas de exclusão. Além de complexa, essa população também é heterogênea, ou seja, com histórias de vidas singulares e específicas, mas que podem perpassar por problemas comuns referentes à migração, desemprego, baixa escolaridade e falta de qualificação profissional, problemas de saúde mental, uso abusivo e frequente de álcool e outras drogas, práticas delituosas, quebra ou comprometimento nos vínculos familiares e afetivos. Além do agravante de ter que enfrentar o estigma e preconceito da sociedade que os veem como marginais, vagabundos e perigosos, frequentemente registrado nas falas das pessoas em situação de rua.

Grande parte das discussões da nossa sociedade gira em torno da democracia, da cidadania e dos direitos garantidos. Entretanto, sabe-se que tais princípios não são vivenciados por todas as pessoas. Parcela da população não tem acesso à educação, saúde, emprego formal, moradia, entre outros direitos essenciais para o desenvolvimento pessoal e social de cada um. Para a população de rua*,* além destas ausências*,* a falta de documentação e moradia fixa torna ainda mais difícil a acessibilidade às políticas estruturantes. Por todas estas questões, o *viver na rua* adota uma dinâmica própria e paralela, onde o imediatismo, as relações efêmeras e fragmentadas (de trabalho, de amizade, afetivas), a violência, a drogadição e a internalização dos valores negativos designados pela sociedade, determinam certas regras de convivência e sociabilidade.

No Brasil, a segmentação da população de rua é muito heterogênea. Não podemos encontrar apenas uma explicação para o sujeito viver nas ruas, pois além de estar relacionado a fatores estruturais, existem grandes variações entre essa população na medida em que o próprio fato de morar na rua não os torna sujeitos iguais. Nas ruas existem sujeitos com diferentes históricos e em situações variadas: “Ser da Rua – Permanentemente”; “Estar na Rua – Recentemente” e “Ficar na Rua – Circunstancialmente” (Rosa, 2005).

Assim, a rua pode ter sentidos diferentes para os sujeitos que nelas vivem. Por motivos diversos existem os que dormem nas ruas circunstancialmente por falta de recursos financeiros, por falta de trabalho alojam-se nas calçadas, viadutos, ou seja, nos espaços públicos que os possibilitem ter um descanso do longo dia ou noite. Também existem os que moram nas ruas e criam uma relação social naquele meio, que se apropriam da rua como seu território. Mesmo nesse contexto desigual, cria-se uma forma de valorizar o local onde vive, idealizando ali seus objetivos, pois é o que realmente a realidade lhe oferece. É nesse sentido que a referência territorial pode significar não somente as expressões mais imediatas e concretas das realidades vividas, como também conter elementos aparentemente invisíveis, mais significativos, que dizem respeito aos valores, sentimentos, perspectivas, que rodeiam as vidas das populações. (KOGA, 2003, p. 53).

O determinante dessas dimensões identificadas muitas vezes é o tempo de rua, que naturalmente leva a uma maior inserção neste mundo, trazendo maior estabilidade a condição de morador.

> Ficar na rua reflete um estado de precariedade de quem, além de estar sem recursos para pagar pensão, não consegue vaga em um albergue. Pode ser fruto do desemprego, especialmente na construção civil, quando, junto com o trabalho, se perde a moradia no alojamento da obra. Estar na rua expressa a situação daqueles que, desalentados, adotam a rua como local de pernoite e já não a consideram tão ameaçadora. Começam a estabelecer relações com pessoas da rua e conhecer novas alternativas de sobrevivência. Ser da rua, a rua torna-se espaço de moradia de forma praticamente definitiva, ainda que ocasionalmente possa haver alternâncias com outros lugares. (VIEIRA, BEZERRA E ROSA, Op. Cit., p. 93-95).

Fundamentado no *ser da rua* é que despertamos o interesse de estudar a situação das mulheres que estão nesse contexto. Ao viver em situação de rua, esse

segmento social sofre várias expressões da violência, incluindo as relacionadas com a droga. De fato, a violência, em suas várias formas de expressão, tem feito parte da realidade urbana atual, ou seja, todos nós estamos sujeitos a algum tipo de violência. Entretanto, no caso daqueles que fazem da rua seu lugar de convivência e moradia, as diversas formas de violência surgem de todas as partes, trazendo medo, agravando a luta pela sobrevivência e ocasionado a extrema violação de direitos. No caso dessa violação, existe o medo dos policiais, pois eles exercem um tipo de violência entre os moradores de rua que significa o abuso da força que lhe é delegada. Também tem-se medo das pessoas que passam ao seu lado, pois nunca os olham e quando o fazem é com discriminação e preconceito.

Por sua vez, as dificuldades de sobrevivência nas ruas os levam a sofrer o primeiro tipo de violência que é morar em um espaço público sem as mínimas condições de habitabilidade, com falta de privacidade, sujeitos à fome, ao frio, às doenças, agressões e descasos do poder público pela ausência de políticas sociais, em uma palavra, são condições de viver que expressam um limite máximo da pobreza e precariedade.

4 CONCLUSÃO

A complexidade desse tema envolve muitos aspectos ligados à sociedade capitalista, às condições e necessidades sociais, de gênero e sentimentos dos indivíduos. É uma tarefa enorme pesquisar esse segmento populacional, pois extensos são os motivos de ida para as ruas. Eles não estão inclusos nos dados estatísticos do Instituto Nacional de Geografia Estatística (IBGE), tornando dessa maneira mais dificultoso a criação e efetivação das políticas sociais para essa segmentação.

Sendo assim, a ideia de dar mais atenção a essa população que vive nas ruas é muito recente. Ainda não existe uma rede de atendimento muito eficaz, mas muito tem se pensado sobre o assunto e através de várias reivindicações da própria população existem hoje alguns avanços na Política de Assistência Social que traz melhor qualidade de vida pra esse segmento da sociedade.

A mulher em situação de rua vive mais adversidades e essas exigem políticas sociais direcionadas a elas, sejam pelas condições de ser mulher, sejam pelas condições de classe. Pois sobrevivem em meio a preconceitos por morar nas ruas e também devido ao machismo pelo fato de ser mulher. Elas representam uma minoria nas ruas, podem ou não ser submissas por este motivo, são competitivas para garantir sua proteção, sua vida. Seus cuidados são diferenciados.

Pensar em uma política social para elas não é somente construir abrigos/albergues, mas sim locais que produzam a oportunidade de “ser mulher”. Esse trabalho pode refletir em novas iniciativas, apreender como e quais os sentidos que estas constroem sobre si e suas vidas, dada sua condição de mulher, pobre e vivendo a situação de rua.

Morar na rua não significa simplesmente estar submetido às precárias condições de vida, enfrentando todas as expressões da questão social embutidas em nossa sociedade, ou seja, como sujeito desprovido de seus direitos básicos e dos direitos humanos de forma geral Ser moradora de rua significa também perder os referenciais da vida social que possuía anteriormente para adquirir um novo modo de vida, desenvolvendo formas específicas de sobreviver. A rua começa a ser o espaço de referência, criando as suas próprias relações e a identificação com esse novo modo de vida, pois encontram pessoas no igual limite de vulnerabilidade.

É necessário superar um desafio: conhecer essa população. E isto significa apreender quem são, quais seus sonhos, seus desejos, expectativas, de onde vem e para onde vão. Ao compreender quais são as necessidades sociais desses grupos é que podemos avaliar as estratégias de enfrentamento e satisfação dessas necessidades. Abranger o modo de vida dessas mulheres permite-nos olhar também suas potencialidades, como um sujeito capaz de transformações.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Elaene Rodrigues e VIANA, Raquel. **Políticas para as mulheres em Fortaleza:** desafios para a igualdade. Coordenadoria de Políticas Públicas para as

Mulheres, Secretaria Municipal de Assistência Social – SEMAS, Prefeitura Municipal de Fortaleza; São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2008.

BARBIERI, Teresita. **Sobre a categoria de gênero**: uma introdução teórico-metodológica. SOS Corpo, Recife: 1992.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da Questão Social:** uma crônica do salário. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

KOGA, Dirce. **Medidas de cidades:** entre territórios de vida e territórios vividos. São Paulo: Cortez, 2003.
ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **Vidas de Rua**. São Paulo: Hucitec, 2005.

SAFFIOTI, h, i. b.& AMEIDA, S.S. **Violência de gênero**: poder e impotência. Revinter, Rio de Janeiro:1995

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil para a análise histórica. Educação e Realidade, V.20(2), 1995.

TIENE, Izalene. **Mulher Moradora na Rua:** entre vivências e políticas sociais. Campinas, SP: Alíinea, 2004.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; Eneida Maria Ramos Bezerra & Cleisa Moreno Maffei Rosa. **População de rua:** quem é, como vive, como é vista. São Paulo: Hucitec, 1992.